

PAISAGENS CULTURAIS E TERRITÓRIOS IDENTITÁRIOS DA BACIA DO RIO CALDAS: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E LEITURA SOCIOESPACIAL

*CULTURAL LANDSCAPES AND IDENTITY TERRITORIES OF THE CALDAS RIVER
BASIN: A PROPOSAL FOR ENVIRONMENTAL EDUCATION AND SOCIO-SPATIAL
READING*

Benjamim Pereira Vilela

Instituto Federal de Goiás - IFG – Campos Senador Canedo

bpvilela@gmail.com

Resumo: Discute-se sobre os territórios identitários da Bacia do Rio Caldas e parte-se para uma proposta de educação ambiental transformadora nesses diferentes territórios. Nesse sentido, busca-se o conceito de identidade na comunidade da Bacia do Rio Caldas e como esta acaba se fragmentando com a chegada da indústria e do capitalismo. Objetiva-se também propor elementos iniciais para investigar as múltiplas facetas territoriais e identitárias presentes na Bacia do Rio Caldas, com fins de subsidiar a implementação de ações em Educação Ambiental no âmbito da bacia. Conclui-se que é necessário compreender os múltiplos territórios identitários presentes na bacia, com vistas a implementação do projeto em Educação Ambiental, e percebe-se que esse projeto só será concretizado com a realização e aprofundamento nas variações territoriais em escalas geográficas pequenas, para que se possa dimensionar as diversas frentes da Educação Ambiental.

Palavras-chave: Bacia do Rio Caldas. Educação Ambiental. Identidade local.

Abstract: It is discussed about the territories identity of the River Basin Caldas and proposed environmental education sector in the different territories. Therefore, search about what is identity in the community of the River Basin Caldas and how this ends is fragmenting with the arrival of industry and capitalism. The objective is also proposing initial elements to investigate the many facets and territorial identity in the basin of Rio Caldas, for the purpose of subsidizing the implementation of shares in Environmental Education within the basin. It is concluded that it is necessary to understand the multiple territories identity in the basin, with a view to implementing the project on environmental education, and realizes that this project will only be achieved with the implementation and deepening regional variations in geographical scales in small, so that can scale the various fronts of Environmental Education, which will be used to perform the search for Masters.

Key-words: River Basin Caldas. Environmental education. Territories Identity.

INTRODUÇÃO

Os múltiplos territórios que se configuram num determinado local no espaço geográfico são frutos da complexidade desdobrada a partir do avanço das técnicas, ciência e da informação. Este fato decorre, sobretudo, da enorme influência que o sistema capitalista atual exerce sobre os lugares, através da globalização e seus mecanismos de apropriação. Ao criar demandas e impor valores, normas e costumes, elementos identitários da paisagem - principalmente culturais - vão sendo perdidos e fragmentados num imenso processo de complexificação.

Estes fatos decorrem da necessidade que o sistema capitalista tem em criar mercado consumidor para os seus produtos e mercadorias. Dessa forma, a sua inserção no território e

na vida dos sujeitos ocorre de diversas maneiras: primeiro, ele se apropria dos valores, costumes, modo de vida, a partir das necessidades locais, fazendo com que os sujeitos tenham como objetivo o lucro, normalmente instalando-se em sua estrutura para a obtenção do capital num dado local. O capital, através da implantação de diversas atividades econômicas de ordens diferenciadas, tais como indústrias, mudança na maneira de praticar agricultura e pecuária etc. interferem, drasticamente, no território promovendo consideráveis mudanças, principalmente nos padrões culturais.

Essas mudanças que o sistema implanta, tenta impor padrões homogeneizadores, os quais mudam os valores culturais locais. Entretanto, existem as resistências, promovidas por sujeitos que mesmo diante de todo o aparato oriundo das redes de informação, tecnologias, mantêm-se agarrados aos seus referenciais. No embate re-existencial há a preservação de subjetividade e costumes oriundos dos territórios pretéritos.

Além disso, é preciso enfatizar que o espaço mesmo sob a égide do sistema capitalista tem suas particularidades calcadas nas suas estruturas internas, as quais apresentam trajetórias simbólicas cheias de marcas da tradição. Deste modo, reforçamos a idéia de que “os lugares não têm ‘identidades’ únicas ou singulares: eles são cheios de conflitos internos”, conforme nos diz Massey (2000 p.185).

A força da indústria cultural que chega às casas das pessoas através do telefone celular, do rádio, da televisão, Internet e outros meios capazes de propor costumes, facilidades e, conseqüentemente, modificar os padrões de elementos identitários dentro do território, não elimina costumes tradicionais como: os de fazer sabão; tecer roupas de algodão; comer os frutos típicos do local; realização de rezas todos os anos; receber pouso de folia; artesanato para fabricação de objetos como jacá, peneiras e outros; culinária tradicional, etc.

No entanto, para Santos (2003, p. 142) a globalização acaba tendo, direta ou indiretamente, influência sobre todos os aspectos da existência: a vida econômica, a vida cultural, as relações interpessoais e a própria subjetividade. Assim, pode-se inferir, como o autor pontua, que a lógica do sistema, apesar das resistências, exerce influência sobre todas os sujeitos.

Nestes termos, o objetivo deste artigo é propor elementos iniciais para investigar as múltiplas facetas territoriais e identitárias presentes na Bacia do Rio Caldas, com fins de subsidiar a implementação de ações em Educação Ambiental no âmbito da bacia.

A bacia hidrográfica do Rio Caldas apresenta-se como um território de múltiplas identidades geográficas, as quais precisam ser compreendidas para que se possa desenvolver qualquer atividade de planejamento ou educação no local. Partimos do pressuposto: são as múltiplas identidades que compõem um território que é o alicerce para qualquer proposta de uma Educação Ambiental transformadora. Ao dizer isso, estamos afirmando que a relação entre sujeito e ambiente oferece as premissas básicas para conhecer os sentidos e os significados da prática social e territorial de um dado lugar. Isso porque as diversas facetas deste território são complexas, e suas identidades culturais e suas territorialidades multifacetadas têm demanda e meios para chegar aos objetivos estabelecidos.

Para cada grupo identitário deve-se pensar um tipo de ação em Educação Ambiental a ser implementada. Tal fato justifica-se, pois as múltiplas territorialidades existentes no espaço geográfico da bacia do Rio Caldas, bem como, suas identidades têm demandas diferenciadas e cada grupo age no território de acordo com a sua feição social, com sua consciência e poder econômico.

A BACIA DO RIO CALDAS: CARACTERÍSTICAS E SITUAÇÃO

A Bacia do Rio Caldas está localizada nos domínios dos municípios de Anápolis, Bela Vista de Goiás, Bonfinópolis, Caldasinha, Goianápolis, Leopoldo de Bulhões, Senador Canedo, Silvânia e Terezópolis de Goiás (Figura 1). Estes municípios são uma importante área a ser estudada, devido sua localização estratégica, uma vez que grandes porções dos municípios que compõem a bacia fazem parte do aglomerado urbano de Goiânia e os outros por estarem próximos.

A Bacia do Rio Caldas representa hoje a única e última fonte de água, em superfície, próxima a grande Goiânia para o abastecimento da população num futuro próximo, pois a barragem do Ribeirão João Leite, a qual está sendo construída, tem como previsão suprir Goiânia com água só até o ano de 2030.

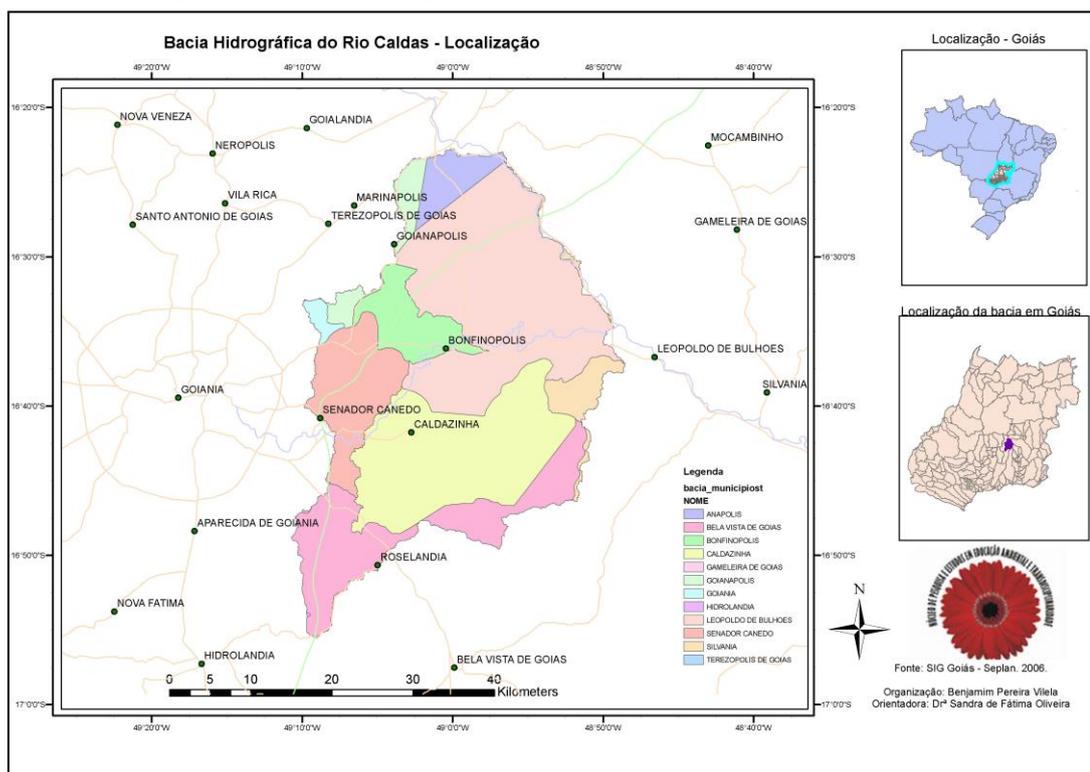
Este fato nos leva a pensar na importância em desenvolver ações em Educação Ambiental dentro da bacia, com fins não só de preservar a água em condições de consumo para os próximos anos. Como também na possibilidade de respeitar e contribuir para que os seres humanos que vivem no local, possam conviver com as diferenças culturais e enfrentar as contradições sociais oriundas da lógica que o sistema capitalista impõe.

Além disso, pensar numa Educação Ambiental, que segundo Guimarães (1993, p.30), deve trabalhar intensamente a integração entre ser humano e ambiente deve criar situações para conscientizar-se de que o ser humano é natureza e não apenas parte dela. Ou seja, uma educação ambiental integrada deve interconectar sociedade / natureza / cultura/ subjetividade.

A Bacia do Rio Caldas apresenta-se como um território multifacetado e com temporalidades territoriais complexas e diferenciadas. Atividades econômicas das mais variadas matrizes, de tal maneira que é considerada o segundo maior aglomerado urbano da região centro-oeste do Brasil e teve seu crescimento intensificado a partir de 1950 sendo admitido como decorrente do acelerado êxodo rural e do avanço da fronteira agropecuária.

Os municípios existentes na bacia do Rio Caldas (mapa 1) têm entre si uma significativa e complexa diversidade, derivada, sobretudo da característica da população e das relações que se estabelecem neste local, as quais foram originadas pelo processo histórico de ocupação da região.

Mapa 1 – Bacia Hidrográfica do Rio Caldas –Localização



Por outro lado, verifica-se a presença de municípios populosos como Anápolis e também a proximidade com Goiânia que, de alguma maneira, influencia os municípios da bacia. Fato o qual dá à região um significativo dinamismo demográfico e econômico com forte influência das áreas de serviços e indústria. De outro lado, encontram-se municípios com reduzida população e economia basicamente agropecuária, cuja maior expressão é Caldazinha.

Essa diversidade se expressa no acesso aos bens e serviços culturais e de lazer, que também não é homogêneo e apresenta características bem particulares e variadas. A dinâmica cultural tem como um de seus determinantes e principal pólo de atração à cidade de Goiânia, por ser a capital do Estado, e depois Anápolis. Goiânia, por ofertar uma grande quantidade de equipamentos de cultura e lazer e também maior número de eventos culturais.

A bacia do Rio Caldas tem uma diversidade de manifestações culturais tradicionais, como as folias de reis, artesanatos, entre outros. Além de um valioso patrimônio arquitetônico composto de diversas edificações dos tempos da antiga fazenda Goiana. A bacia do Caldas, por estar muito próxima de Goiânia e seu aglomerado urbano tem o seu processo de uso e ocupação bem adensado. Este fato tende a tornar-se decisivo na sua conservação e preservação.

Ao se apresentar dessa maneira, enxergar as suas diferencialidades e as suas identidades numa totalidade de interações torna-se elemento essencial para que se compreendam as nuances do espaço geográfico, bem como dos mecanismos que dinamizam o seu território para que sejam implementadas ações, com fins a equacionar problemas ambientais, das mais diversas ordens.

AS MÚLTIPLAS IDENTIDADES PRESENTES NO TERRITÓRIO DA BACIA DO RIO CALDAS: UMA COMPREENSÃO NECESSÁRIA

Sabe-se que as mudanças na ordem da forma espacial, dos conteúdos econômicos e territoriais são mais perceptíveis que as mudanças culturais e da subjetividade. Ainda que há permanência de símbolos que são guardados em valores de sujeitos idosos, em modos de vida, em lugares desconhecidos ou na forma de saberes, as paisagens, de alguma maneira, testemunham essas permanências. Neste sentido, a paisagem do Rio Caldas guarda consigo, não só formas espaciais diferenciadas, mas também aspectos identitários e territoriais que mantêm relações de proximidades.

A bacia apresenta muitos usos e funções, tanto no espaço rural quanto no urbano. Estes, por sua vez, são feitos por diferentes grupos identitários, formando assim, múltiplos territórios. Com isso, a compreensão e os sentidos de cada grupo nos ajuda a pensar em maneiras de sensibilizar a população acerca das questões ambientais, bem como da necessidade de preservação e conservação de valores culturais e de elemento do ambiente local.

Assim, consideramos que estes territórios apresentam-se através das identidades locais, aqui entendidas, segundo Castells (2002, p.22), como “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significados”.

Então segundo Hall (2001, p. 38) “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Essas concepções, nos indicam que a lógica do sistema capitalista,

é capaz de impor padrões hegemônicos sobre a identidade e a cultura, porém não é capaz de eliminá-las por completo.

Outrossim, observa-se que de um lado, os sujeitos tentam preservar uma cultura familiar trazida de longos anos, e de outro a chegada do capitalismo e junto dele a indústria muda de maneira significativa o seu ambiente. Nesse sentido, o sujeito acaba se tornando fragmentado, conforme de idéias de Hall (2001) e Bauman (2005), tendo que assumir outras identidades diferentes das que tinha antes.

O fato de que o atributo cultural está presente nos territórios locais é um indicio de sua importância em tempos de globalização e mundialização do capital, pois o seu papel acabou por aumentar seu peso específico, de maneira que suas diferenças no território devem ser consideradas, conforme nos diz Font e Rufí (2006, p. 202): “as pequenas – ou nem tão pequenas – diferenças que possam apresentar, dois espaços, dois lugares, duas cidades, no que se refere a recursos, a infraestruturas, a mercado de trabalho, a paisagem, o patrimônio cultural, ou a qualquer outro aspecto, tornam-se agora significativos”.

Nestes termos, considera-se, ao utilizar uma unidade de planejamento, como a bacia hidrográfica, para propor ações no plano pedagógico, deve-se levar em consideração as diferenças enfatizadas pelos autores citados, levando-se em consideração os elementos simbólicos que marcam a paisagem territorial, bem como as interfaces permeadas pela cultura, política, identidade.

Para reforçar essa ideia pode-se utilizar um exemplo concreto. Se observarmos a empresa Goiás – Carne instalada no município de Senador Cãnedo, frigorífico este que se encontra na bacia do Caldas e está bem próximo ao Rio Meia Ponte, percebe-se que essa empresa tem interesses diferenciados em relação aos pequenos chacareiros que vivem próximos deste local. A base da economia destes pequenos proprietários é a plantação de hortaliças; criação de galinhas e porcos; também criam algumas cabeças de gado para tirar e produzir queijo caseiro.

O grupo Goiás – Carne, por sua vez, tem como atividade principal o abate de bovinos e o beneficiamento e preparação da carne para ser vendida no mercado da grande Goiânia e também para exportação. Forma-se aí territórios marcados por elementos identitários diferenciados com objetivos econômicos e com dinâmicas sociais bastantes diversas e, inclusive, contraditórias.

Este exemplo é um dos motivos pelo qual entende-se que para os múltiplos territórios presentes no espaço geográfico, adotam-se estratégias e ações diferenciadas. Para o exemplo que apresentou-se indica-se que: em relação ao Goiás – Carne, cobra-se as normas ambientais presentes nas leis. Uma vez que este grupo tem como objetivo o lucro e está preocupado apenas com o cumprimento das normas legais, afim de evitar o pagamento de multas.

Por outro lado, os pequenos chacareiros fazem parte de outra face do território, ou seja, eles têm o interesse em manter os recursos hídricos em boa qualidade. Isso porque tanto a vida dos seus animais quanto a irrigação das plantações precisam da água. A empresa vê os canais fluviais como um lugar para depositar os restos oriundos da indústria, ou pelo contrário, utilizar a água nos processos industriais.

Pode-se inferir que o chacareiro requer ações de planejamento e Educação ambiental com características bem diferentes, uma vez que sua prática de manejo no território é feita com base em seus conhecimentos adquiridos através da experiência. Com isso não se quer dizer aqui, que este não degrada ou comete erros nas suas práticas de manejo. Quer dizer, sim, que as medidas a serem tomadas junto a este sitiante devem levar em consideração sua condição de ação no território. E sim lhe oferecer alternativas que não sejam tão agressivas ao meio ambiente e ao mesmo tempo lhe possibilite renda.

O exemplo que foi esboçado pode ser enriquecido se falar numa escala geográfica maior, envolvendo o urbano no âmbito da bacia. Outros territórios identitários se apresentam, com demandas diferenciadas e complexas. O território neste sentido é complexo e requer que o manejo seja satisfatório.

Conforme já foi pontuado, essa relativa posição do ator social no contexto do território, em suas ações individuais e coletivas, devem ser bem compreendidas para que as ações dos Estados e Municípios ou de organizações não governamentais, sejam efetivas. E com isso os atores sociais num determinado lugar – como no exemplo citado-, devem estar atentos ao que diz o autor, e levar em consideração as relações de dependência entre todos os envolvidos, bem como a escala de análise, para que não se cometa equívocos ao agir no território.

A partir dos exemplos empíricos que foram apresentados, pode-se também exemplificar com outras situações que ocorrem no âmbito da bacia, tais como as relações substabelecidas no plano urbano dentro da unidade de planejamento (bacia hidrográfica do Rio Caldas). Vejo o caso da cidade de Senador Cãnedo, com uma população de 70.820¹, tendo sua estrutura produtiva baseada, sobretudo na área de serviços conforme informações adiante: 1,57% agropecuária; 13,23 % da indústria; 85,2 % área de serviços. Está muito próximo do Município de Goiânia.

O município apresenta uma enormidade de problemas ambientais das mais diversas ordens. Além de possuir uma grande quantidade de indústrias, depósito de combustíveis, entre outros tipos de empresas que atuam nestes seguimentos. Têm alto índice de criminalidade. Está com vários bairros conurbados com Goiânia. Este fato nos mostra um território com características bem diferentes de outros municípios dentro da bacia hidrográfica.

Se compararmos a estrutura produtiva de cidade Caldazinha, a qual possui uma população de 2.859², e também está próxima a Goiânia, sua economia e demais atividades tem características um tanto diferente das de Senador Cãnedo. Veja, se o caso estrutura produtiva de Caldazinha: 50,56% agropecuária; 5,33% indústria; 44,12% serviços.

Essas diferenças podem ser perfeitamente relevantes em relação à implantação de um projeto em Educação Ambiental, capaz de transformar e sensibilizar a comunidade acerca das questões ambientais e culturais. Desde que tenha planos e estratégias claras para agir nos diferentes territórios identitários que se configuram dentro desta bacia hidrográfica.

Nestes termos, foram apresentados alguns elementos da definição de território que Bonnemaïson (2002, p. 99) traz e com seus exemplos oriundos de seus estudos realizados na Oceania:

As sociedades humanas têm uma concepção diferente de território. Ele não é obrigatoriamente fechado, não é sempre um tecido espacial unido nem induz a um comportamento necessariamente estável. A experiência da Oceania revela que, antes de ser uma fronteira, um território é sobretudo um conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários. A etnia se cria e se fortalece pela profundidade de sua ancoragem no solo e pelo grau de correspondência mais ou menos elaborada que mantém com o espaço- que ela divide em áreas, originando uma malha – e polariza de acordo com suas próprias finalidades e representações simbólicas.

Desta maneira, pode-se inferir que os múltiplos territórios existentes na bacia do Rio Caldas, são portadores de nuances e rugosidades, tanto nos aspectos econômicos e produtivos, como nos culturais. O que valida a idéia de Bonnemaïson, de que os territórios na concepção dele, são abertos, tem uma multiplicidade de signos que contribuem na sua configuração.

¹ IMB, 2018 - <https://www.imb.go.gov.br/>, acesso em 18 de junho de 2020.

² IMB, 2018. Idem

Assim pode-se, com a experiência do mesmo autor, que ao realizar seus estudos, baseava-os sobretudo em elementos como população, campos, *habitat*, produção, análise dos solos, etc. Como o autor teve que passar vários meses em contato com a população daquele local, percebeu que sua estrutura de análise deveria levar em consideração as especificidades cotidianas do povo naquele lugar. Só assim, ele percebeu que as metodologias que estavam utilizando não eram suficientes. Era preciso compreender os aspectos culturais e identitários, pois estes tinham variações e particularidades.

Assim considera-se que no caso da bacia do Rio Caldas, o trabalho proposto deve seguir no mesmo itinerário. Levar em consideração a multiplicidade de signos presentes na bacia do Caldas. É claro que a concepção de território trazida para a discussão deste tema não limita aos espaços traçados e mapeados pelos órgãos estatais, e sim, a concepção que apresentamos através de autores como Santos (2004), Muñoz (2006), de que o território é histórico, híbrido e tem uma relação estreita com as temporalidades.

OS TERRITÓRIOS DA CULTURA MATERIAL E IMATERIAL

A Bacia Hidrográfica do Rio Caldas passa por um processo de múltiplos usos, os quais possuem ritmos e mobilidades diferenciados. Na morfologia de sua paisagem, há um emaranhado de elementos da cultura tradicional imersos nas suas formas e nos seus usos.

A Paisagem é uma possibilidade, enquanto categoria, para se compreender as práticas e o modo de vida. A cultura se insere neste emaranhado de elementos simbólicos que permeia o visível, o imaginário, a memória, transpondo os lugares, apresenta o passado, presente e futuro. As múltiplas formas se manifestam pela fisionomia da cultura imaterial e material, conforme problematiza Sofiati (2012, p. 19) ao reportar às mudanças sociais ocorridas nos últimos séculos. Este pondera que “a cultura imaterial está deixando de ser o que é, esvaziando-se por dentro, perdendo a significação para o conjunto social” e adquire caráter de “sobrevivência” ou de “antiguidades populares”. O que pode ser percebido no imenso manancial de objetos, que representam um “jeito de viver”, numa temporalidade e espacialidades paradas no tempo e no espaço.

Temporalidades e espacialidades diferenciadas espraiam pela Bacia do Rio Caldas, e nestas, as marcas da cultura tradicional aparece por meio do espaço arquitetônico: as casas em “estilo” colonial. Pelos diversos objetos preservados por vários moradores: tear, roda de fiar, taxa de cobre, carro-de-boi, gamela, monjolo, entre outros.

A cultura tradicional presente na Bacia do Rio Caldas, é vista aqui, por meio princípios da Ecologia Profunda apresentada por Capra (1996), a qual pondera que é necessário uma “visão de mundo” integrada, holística, em contraposição a uma coleção de partes. A qual é capaz de valorar aspectos materiais que perderam o valor frente as novas formas de se construir e conceber os objetos.

A Bacia Hidrográfica do Rio Caldas guarda, principalmente ou exclusivamente, nas áreas rurais, quantidades significativas de casas nos padrões das chamadas “fazendas tradicionais goianas”, as quais eram feitas de adobe, um tipo de tijolo fabricado com barro e cinza. E, normalmente, eram construídas pelo próprio morador ou sob sua supervisão. Foram encontradas algumas casas no âmbito da Bacia, em que os moradores, relataram que eles próprios edificaram suas casas. Esse motivo, os fazem valorar de sobremaneira a casa, aumentar o seu pertencimento ao lugar.

As moradias (conforme figuras 1,2 e 3) normalmente, eram feitas de com esteio de madeira, assoalho de tábua e estavam organizadas, espacialmente em: sala ampla com uma tuiá para armazenamento de arroz; cozinha com fogão a lenha; vários quartos; bica na porta da cozinha. Normalmente a casa fica próxima a um córrego ou rio, para facilitar a construção

Figura 1 Casa com arquitetura colonial existe na Bacia



Fonte: Oliveira (2018).

Figura 2 - Casa com arquitetura colonial existe na Bacia – Dona E



Fonte: Vilela (2018).

Figura 3 – Casa com arquitetura colonial existe na Bacia



Fonte: Oliveira (2018).

do rego. Pois essas casas precisavam da água para mover os monjolos e também para o uso doméstico.

Ao se observar a figura acima, vê-se casas tradicionais, com arquitetura colonial bem preservadas. A casa mostrada na figuras 1, 2 e 3 é propriedade de uma Senhora que a preserva, pois, tal casa é o local onde esta passou sua infância e adolescência. E toda sua família foi criada lá. Essa propriedade mantém preservada não só a casa, como também os utensílios que eram utilizados num tempo “distante” em que nos rincões de Goiás não existia energia elétrica, automóveis, rádio, televisão.

A proprietária busca preservar, inclusive, a disposição dos objetos dentro da casa, como forma de guardar, através dos aspectos materiais e imateriais lembranças dos seus entes queridos. Ela ordena as fotografias na parede, as panelas nos armários de madeira mantêm o baú para guardar relíquias, o oratório, a posição das camas.

Uma marca da cultura tradicional, revela-se no modo de construir, no desenho dos cômodos, no paiol, no banquinho de tirar leite dependurado na comunheira, na prensa para fazer farinha, elementos que, nos dias atuais, perderam o valor e o sentido para a lógica da economia de mercado, a qual prima pela eficiência das construções. Mesmo em áreas rurais, as casas possuem garagem para se estacionar as camionetes, é toda rodeada de “área” com redes para descanso, possui um jardim gramado na porta, tem sistema de encanamento de água, etc. O que se vê na casa em referência são objetos que guardam na sua integridade física, sua função num dado momento da história e no modo como foram construídos.

Estas casas são preservadas até os dias atuais por seus proprietários, por vários

motivos. O primeiro é sentimental. Guarda a memória do Pai e da mãe e de outros entes queridos por intermédio de objetos como a desnatadeira, a radiola de corda, o tacho de cobre, o fogão a lenha, a gamela para bater rapadura. A casa torna-se um símbolo imaginário cravado no longínquo sertão cerradeiro. É como se fosse um pedaço dos sujeitos que viveram e vivem o lugar. E por outro lado, pela força que identifica o sujeito com aquele local, dando-lhe referências que se relacionam territorialmente com o sítio e a paisagem.

Junto a casa, os objetos utilizados nas labutas cotidianas, formam um conjunto importante de significações, que é parte da cultura e da vida das pessoas. No contexto da Bacia, os moradores que vivem e constroem através de suas histórias de vida, por meio das marcas na paisagem, dependem de uma enormidade de ferramentas, as quais, muitas vezes, são construídas por eles próprios, ou adquiridos e guardados por muito tempo e tendo uma representatividade grande para que os afazeres possam sejam realizados.

Trata-se de objetos que servem como instrumento de trabalho, no dia-a-dia, bem como, dão identidade aos sujeitos que os utilizam em seu cotidiano. Adiante alguns desses objetos são apresentados por intermédio das figuras 4, 5, 6, 7, 8 e 9.

Figura 3 – Altar : propriedade de Dona N.



Fonte: Oliveira (2018)

Figura 4 – Radiola movida a corda – Fonte: Oliveira (2008).



Fonte: Oliveira (2018).

Figura 5 – Retratos dos familiares Fazenda D. N. –



Fonte: Oliveira

Figura 6 – Serra manual Fazenda D. N.



Fonte: Oliveira (2018).

A realização de um diagnóstico qualitativo, auxilia na interpretação dos processos de enraizamento da cultura num dado local. O Cerrado, a roça, o curral, as panelas, o fogão a lenha, o serra, são elementos constituidores do modo como é possível explicar, as re-existências de vários sujeitos que buscam na vida simples do campo, reafirmar suas identidades e construir novas possibilidades através de um “modo de vida” que perde espaço, para a vida moderna e globalizada, a cada dia.

Figura 7 – Tear para fabricar tecido



Fonte: Oliveira (2018).

Figura 8 – Organização de elementos da cultura material na cozinha



Fonte: Oliveira (2018).

As figuras 5, 6, 7 e 8 constituem-se em aspectos dos valores religiosos, artísticos, morais, do trabalho, que caminham junto a quantidades significativas de pessoas no âmbito da Bacia do Caldas, e que contribuem como registro de uma temporalidade que está “viva” e é parte do cotidiano de uma quantidade significativa de sujeitos(VILELA, 2009).

Além dos objetos, das casas, do modo de falar, de vestir, de agir, há uma grande quantidade de saberes que estão “guardados” na memória de várias pessoas como por exemplo: nas atividades de campo dessa pesquisa, encontramos uma senhora, que sabe fazer tecido artesanalmente, utilizando-se de tear. Este saber, segundo ela, não foi passado adiante:

...eu já tô meia passada da idade, mais ainda eu sei fazê penera de tala de buriti, sei cardá argodão, fiá, fazê aqueles novelão de linha, prá depois fazê pano. Ocê me pergunto das coisa de comida que sei fazê... Eu ainda dó conta de fazê muita coisa... sei fazê passoca, bolo de porvilho, aquelas comidinha nossa, né. Arroz, feijão, arroz com galinha e pequi. Inté sabão de decoada eu sei fazê. Sei fazê rapadura tamém. Essas coisa que eu sei fazê os mais novo num sabe mais nada. R. M. - 61 anos (Moradora do povoado de Roselândia)

Na fala da entrevistada fica evidente uma questão premente, que suscitou quando da realização deste diagnóstico qualitativo: está em curso um processo de desaparecimento de

saberes tradicionais. Uma vez que os produtos que eram feitos artesanalmente (o tecido de algodão neste caso) foram substituídos por industrializados. E conseqüentemente, há uma perda significativa de conhecimentos e procedimentos que eram adotados para elaboração de objetos e utensílios.

Noutra situação semelhante, foi encontrado – numa fazenda localizada na confluência do Rio Sozinha e Caldas – um senhor que detém um saber que também é pouco valorizado nos dias atuais: arte de fazer carros – de – boi. Para este Sujeito, o processo para fazer um carro – de – boi é complexo. Começa na escolha da madeira, sua umidade, o modo como deve ser cortada. No seu relato, não se constrói os carros – há mais de 12 anos não recebe uma encomenda –, pois não são mais utilizados nas fazendas, foram substituídos por tratores. Ele relata que:

A gente, parô...o carro de boi foi ficano prá traiz, sô...muito pouco, só faiz pá infeite...eu num faço mais não. Eu tinha boiada boa, eu vindi tudo. Carro num faço mais não. Ainda faço, mesa, cadeira, porteira. Os povo tá usano muito é tratô. Carro de boi num serve pra mais nada, não...mas ainda tem cumpanheiro que faiz... (Sr. F. morador das margens do Caldas, próximo a Caldazinha)

Neste relato, nota-se uma situação que retrata as mudanças ocorridas no campo; as alterações nos elementos e instrumentos utilizados para o trabalho. Essas mudanças não são negadas e colocadas aqui como uma dicotomia entre moderno e tradicional. Mas sim, como um processo de alteração cultural, em que os saberes vão sendo esquecidos; usos e benefícios econômicos poderiam ser obtidos com a comercialização desses objetos; a transformação dos saberes culturais tradicionais para valorizar os sujeitos; etc.

Os aspectos dos territórios da cultura material e imaterial constituem-se em patrimônios, os quais devem ser preservados, para que as futuras gerações possam conhecer. Pois conforme já foi pontuado, faz parte da diversidade cultural existente na sociedade, que podem se perder em pouco tempo. Sendo assim, conhecer tais elementos, registrá-los e preservá-los, torna-se metas de entidades como a Unesco, os ministérios da cultura, etc. Entretanto, aspectos do cotidiano de determinadas comunidades ou mesmo de moradores de áreas rurais, recebem pouca visibilidade, o que favorece o seu desaparecimento.

Considerar que estes elementos culturais encontrados na Bacia do Rio Caldas são relevantes, está amparado na necessidade de aprofundamento e conhecimento do modo como sujeitos vivem e constroem os seus territórios identitários, bem como, estabelecem os enfrentamentos políticos, sociais e culturais, frente aos padrões homogeneizadores da cultura, impostos pela lógica capitalista.

Os múltiplos usos apresentados neste tópico, não correspondem à totalidade, mas a uma quantidade significativa de exemplos de usos que ajudam a estabelecer uma diferenciação sociocultural e socioespacial. Além disso, os municípios da Bacia realizam festas tradicionais, como a de Nossa Senhora Aparecida em Anápolis que ocorre em outubro, a festa do Tomate de Goianápolis realizada no mês de julho, folias de reis, rezas, festas de São João, as quais fazem parte do cotidiano dos moradores.

Ao avaliar a estrutura demográfica com pertinência ao uso econômicos das paisagens da bacia do Rio Caldas e verificar o rico patrimônio material e imaterial que ainda persiste nas proximidades da metrópole goianiense, observou-se que a pressão do agronegócio e a pressão demográfica urbana não conseguiram alisar a paisagem. Além da riqueza dos territórios identitários da bacia, a situação do relevo propicia a salvaguarda das águas do Rio Caldas e de seus afluentes, o que torna premente a atitude de uma educação ambiental integrada.

É responsabilidade desse tipo de educação, apresentar as variadas formas e feições

cênicas, morfológicas e de modalidades de usos das paisagens de determinados contextos espaciais. Assim, a leitura do espaço serve à ação da educação ambiental; esta precisa de conhecer a cultura e os valores dos sujeitos envolvidos.

Esse procedimento terá continuidade na história de vida dos sujeitos da cultura tradicional, em que o cotidiano apresenta práticas e saberes consonantes com princípios de valorização e integração da vida à natureza. Não se quer aqui fazer uma defesa da cultura pura, mas não se pode negar os interesses e o poder da cultura espúria.

Vale reforçar que o tempo acelerado hegemônico que se impôs nas paisagens de Goiás não conseguiu esvaziar e extinguir os sujeitos do tempo lento (SANTOS, 1996). Mas, embora haja notáveis resistências desse sujeito, o seu grande documento é a sua memória que só pode ser enunciada mediante a sua história de vida.

Registra-se, também, a hibridez com que esse sujeito desenvolve a sua vida em meio a objetos modernos com fala caipira, usando antena parabólica mas tendo prazer em contar causos, socando arroz no pilão no feitiço de bolo, fazendo paçoca de carne seca, rezando terço de roça. Isso tudo em espaços de urbanização acelerada.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO POSSIBILIDADE DE SENSIBILIZAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS NA BACIA DO RIO CALDAS

Como afirmou Paulo Freire (1987), para ser superado, suplantado, o senso comum jamais deve ser descartado. Deve ser inicialmente valorizado como o ponto de partida para se chegar, através da reflexão, ao saber mais próximo do real, e finalmente ao saber crítico (TONISSI, 2005). Assim, considera-se que as ações a serem realizadas no âmbito da bacia do Rio Caldas devem valorizar o senso comum dos moradores locais, e compreender os múltiplos territórios identitários presentes no local, como subsídio para se discutir os principais problemas ambientais existentes, bem como estabelecer o diálogo com todos os envolvidos no processo pedagógico a ser desenvolvido, com o objetivo de se encontrar as soluções e saídas para que o ambiente seja conservado e preservado. Acerca do assunto Freire (1987, p. 65) nos diz:

Nosso papel como educadores não é falar ao povo sobre a nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão de mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo em que se constitui.

Desta maneira, pondera-se que ao se elaborar o diagnóstico participativo na área da bacia, encontramos os principais problemas a serem sanados, com o apoio de toda a comunidade articulada. Utilizando-se dos princípios e pensamentos de Freire (1987), para não ignorarmos as contradições sociais inerentes à lógica do sistema capitalista.

A bacia do Rio Caldas encontra-se hoje em condições de preservação que a coloca como um dos principais alvos para o processo de degradação, como é o caso dos principais cursos d'água existente nas proximidades da grande Goiânia. Assim, ao propormos a práticas de Educação Ambiental como elemento capaz de sensibilizar os sujeitos para a importância em preservar e conservar a bacia, não estamos considerando que a EA é o remédio para todos os males ambientais existentes, mas uma das possibilidades mais abrangentes e incisivas.

A afirmação decorre de que a legislação ambiental brasileira é extremamente rigorosa, mas as leis não são cumpridas e o desrespeito ao ambiente continua sendo praticado, em nome do lucro. Diante disso apresentamos aqui o que o Educador Carlos Rodrigues Brandão nos ensina:

O ser humano que transforma, com o trabalho e a consciência, partes da natureza em invenções de sua cultura, aprendeu com o tempo a transformar partes das trocas feitas no interior desta cultura em situações sociais de aprender – ensinar – aprender: em educação. Na espécie humana a educação não continua apenas o trabalho da vida. Ela se instala dentro de um domínio propriamente de trocas: de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder. (BRANDÃO, 1980 p.14)

O autor nos diz, que a educação se instala nas trocas simbólicas, nas relações de poder, nas interações. Desse modo, a idéia que estamos reforçando aqui é a de que um dos principais instrumentos para transformação social nos dias atuais, é a educação. Seja formal ou não-formal, ambiental, para o trânsito, sexual ou qualquer outro tipo de educação. Uma vez que é no processo de aprender – ensinar – aprender que a nossa vida, desde o momento em que nascemos até a morte está ancorada.

Assim, é possível fazer a distinção entre os discursos ambientais que permeiam os meios de comunicação, e que muitas vezes tiram a sociedade dos focos de problemas de ordem local que podem afetá-las diretamente. E as leva a alienação em relação à problemática que se apresenta e que requer apreender o saber ambiental que vai se configurando no tecido discursivo da mudança global, na disputa de sentidos e os interesses em conflitos que atravessam o campo ambiental e as políticas de desenvolvimento sustentável. Assim, captar sua inserção em diferentes espaços institucionais e sua incorporação em diferentes domínio do conhecimento, induzindo transformações diferenciadas nos objetos científicos, seus campos temáticos e suas práticas disciplinares (LEFF, 2006).

Nestes termos, consideramos que a Educação Ambiental transformadora é capaz de dialogar com as diferenças e ser um instrumento pedagógico com condições de contribuir para a manutenção da diversidade cultural no âmbito da bacia hidrográfica do Rio Caldas. Desta maneira, conforme as palavras enunciadas por Brandão, a nossa vida passa – querendo ou não – por processos educativos. A geografia aliada aos princípios pedagógicos dessa EA transformadora apresenta como propositura de ação.

Levar em conta, as múltiplas territorialidades e identidades locais, com o objetivo de agir em cada legenda territorial com um foco adequado. De modo a transformar pela educação, ao se sensibilizar em relação às questões ambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os municípios que formam a bacia o Rio Caldas formam múltiplos territórios identitários. Esses se configuram e adquirem especificidades geográficas, que devem ser compreendidos e detalhados dentro de uma perspectiva que leve em conta a diversidade complexa dos atores sociais que vivem e agem no referido local.

Trata-se de um emaranhado de símbolos e signos, que se manifestam na paisagem através das múltiplas faces sociais e culturais. Assim, buscou-se com este estudo mostrar que a Educação Ambiental será o instrumento pedagógico para se buscar interferir e mobilizar a população do Rio Caldas, no sentido de promover sensibilização e mudanças na relação com o ambiente.

O momento histórico requer o envolvimento da sociedade nas questões ambientais, e a Educação Ambiental é um elemento essencial para fazer este elo. Dada a complexidade que envolve os paradigmas do tema ambiental, é frutífera a reflexão sobre os elementos culturais e ambientais e seu momento atual, tendo as universidades, as empresas, estado e municípios e

os diversos núcleos acoplados ao sistema social capaz de fazer a ligação da complexidade ambiental à formação em EA transformadora (RIOJAS, 2006).

Compreender os múltiplos territórios identitários presentes na bacia, com vistas a implementação do projeto em Educação Ambiental, só será concretizado com a realização e aprofundamento nas variações territoriais em escalas geográficas pequenas, para que se possa dessa forma, dimensionar as diversas frentes da Educação Ambiental.

Essas considerações aliadas ao modelo de ocupação, principalmente a fragmentação das terras com o objetivo de se criar o loteamento de chácaras, cria demandas de outras ordens para a Bacia; instabilidade para os moradores locais; impactos ambientais e mudanças consideráveis nas paisagens; desestruturação do espaço em detrimento dos tipos de usos que os novos proprietários adotam para a área; o que permite a partir das paisagens a compreensão de valores e práticas sociais necessárias para redução dos problemas ambientais que o mundo enfrenta (SANTOS; SARTORELLO, 2006, p. 911)

O que reforça o apontamento da necessidade da implantação de um programa em EA que venha resgatar e valorizar a comunidade local, com princípios de ecologia profunda, pensamento crítico e a valorização de saberes pautados na sustentabilidade local.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org). **Geografia Cultural**: um século(3). Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?**. Coleção primeiro passos. 1. ed. Brasiliense. São Paulo, SP. 1981.

CAPRA, Fritjof. **A teia da Vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In: _____. O poder da identidade. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Cap. 1. p. 21 – 92.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FONT, Joan Nogué; RUFI, Joan Vicente. A construção de novos discursos e suas práticas geopolíticas. In: _____. **Geopolítica, identidade e globalização**. São Paulo: Annablume, 2006. Cap. 05, p. 201-207.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 104 p.

LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: **O espaço da diferença.** ARANTES, Antônio A. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

MONNET, Jérôme. Lãs escalas de la representacion y el manejo del territorio. In: CRUZ, Beatriz Neves (Compiladora). **Territorio y Cultura Del Campo a la ciudad: últimas tendências em teoría y método** Memórias 1er Seminário Internacional sobre territorio y Cultura Manizales. Colômbia: ABYA-YALA, 1999. p. 111-121.

MUÑOZ, Francesc. El tiempo del territorio, los territorios del tiempo. In: NOGUÉ, Joan; ROMERO, Joan. **Las otras geografías.** Valencia (Espanha): Tirant lo Blanch, 2006. Cap. 10, p. 235-254.

RIGONATO, Valney Dias. A dimensão sociocultural das paisagens do cerrado goiano: o distrito de Vila Borba. In: ALMEIDA, Maria Geralda (Org.). **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre biodiversidades e singularidade cultural.** Goiânia: Ed. Vieira, 2005. p. 63-95

RIOJAS, J. **A complexidade ambiental na Universidade.** In: LEFF, E. A complexidade ambiental. São Paulo: Cortez, 2006.

SOFFIATI, Arthur. **A contribuição da ecohistória para a compreensão da crise ambiental da atualidade e para a formação da ecocidadania.** Revista Vitas: visões transdisciplinares sobre ambiente e sociedade, v. 1, p. 1-17, 2012.

SANTOS, Wallace Ancelmo dos; SARTORELLO, Ricardo. Percepção e paisagem no cotidiano de escolas inseridas em paisagens rurais e urbanas. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru, v. 25, n. 4, p. 911-926, out. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-731320190040005>.

SANTOS, Milton. A transição em marcha. In: _____. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência univesal.** 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. Cap. 06, p. 141 – 174.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **Território: globalização e fragmentação.** São Paulo: HUCITEC, 1994. p. 15-20.

TONISSI, Rosa Maria Tóro. **Percepção e caracterização ambientais da área verde da microbacia do córrego da água quente(São Carlos, SP) como etapas de um processo ambiental.** 2005.281 f. Tese (Doutorado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), 2005.

SOBRE O AUTOR

Benjamim Pereira Vilela

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Goiás(2006) e mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás(2009). Atualmente é Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana. Atuando principalmente nos seguintes temas:Educação Ambiental, Transdisciplinaridade, Geografia Humana, Meio Ambiente, Ecologia profunda.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0327090183681398>

Recebido para publicação em dezembro de 2019

Aprovado para publicação em março de 2020